

Nada foi o bastante para impedir: efeitos do assassinato de crianças no Rio de Janeiro

Lucília Maria Abrahão e Sousa¹
Glaucia Nagem²

Para Ágatha Félix,
flor e estrela



“Filha do medo, a raiva é mãe da covardia”
(Chico Buarque)

Resumo

As autoras percorrem posições da linguística, da história e da psicanálise a partir da pergunta “Diante da barbárie, que (e como) dizer?”. Isso com base nas construções de autores clássicos da linguística (Michel Pêcheux) e da psicanálise (Sigmund Freud e Jacques Lacan) e alguns autores contemporâneos, como Colette Soler e Sandra Berta, também na psicanálise. Uma busca não apenas para entender e analisar o aumento do uso da violência que tem acontecido recentemente no Rio de Janeiro e no mundo, mas também para pensar algumas vias de tratamento para esse fenômeno. Isso a partir de imagens contemporâneas que denunciam o

1 Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP). Bolsa PQ/ CNPQ. Projeto FAPESP (2019/13385-4). Membro do FCL/SP.

2 Mestranda em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP). Atualmente é pesquisadora do Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos (E-L@DIS/FFCLRP/USP) e AME (Analista Membro de Escola) da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano IF-EPFCL - FCL/SP.

horror e o drama das pessoas que sofrem com o desamparo não apenas político, mas sobretudo subjetivo. Mães, filhos, alunos e professores que tentam acenar o lugar de sujeito que lhes cabe e que é usurpado.

Palavras-chave:

Linguística; Psicanálise; Política.

Nothing was enough to prevent it The effects of the murders of children in Rio de Janeiro

Abstract

The authors examine some positions in linguistics, history and psychoanalysis based on the question “In the face of barbarism, what (and how) to say?”. This is based on the constructions of classical authors of linguistics (Michel Pêcheux), of psychoanalysis (Sigmund Freud and Jacques Lacan), and some contemporary authors such as Colette Soler and Sandra Berta, also in psychoanalysis. A search not only to understand and analyze the increased use of violence that has happened recently in Rio de Janeiro and the world, but also to think about some ways of treatment for this phenomenon. This is based on contemporary images that denounce the horror and drama of people who suffer from helplessness, not only political but above all subjective. Mothers, children, students, teachers who try to sign the place of the subject that belongs to them and that is usurped.

Keywords:

Linguistics; Psychoanalysis; Politics.

Nada fue suficiente para detenerlo: efectos del asesinato de niños en Río de Janeiro

Resumen

Las autoras examinan las posiciones en lingüística, historia y psicoanálisis partiendo de la pregunta "Frente a la barbarie, ¿qué (y cómo) decir?". Toman como base las construcciones de autores clásicos de lingüística (Pêcheux), psicoanálisis (Freud y Lacan), y algunos autores contemporáneos como Soler y Berta, también en psicoanálisis. Una búsqueda no solo para comprender y analizar el aumento del uso de la violencia sucedida recientemente en Río de Janeiro y el mundo sino también para pensar en algunas formas de tratamiento para este fenómeno. Esto se basa en imágenes contemporáneas que denuncian el horror y el drama de las

personas que sufren de impotencia, no solo política sino sobre todo subjetiva. Madres, niños, estudiantes, profesores que intentan señalar el lugar de la asignatura que les pertenece y que es usurpada.

Palabras clave:

Lingüística; Psicoanálisis; Política.

Rien n'a été suffisant pour l'empêcher: les effets de l'assassinat d'enfants à Rio de Janeiro

Résumé

Les auteures parcourent les positionnements de la linguistique, de l'histoire et de la psychanalyse à partir d'une question : « Face à la barbarie, que dire ? Et comment ? » en se fondant sur les constructions d'auteurs classiques de la linguistique (Pêcheux), de la psychanalyse (Freud et Lacan), ainsi que d'autres auteurs contemporains comme Soler et Berta, toujours pour la psychanalyse. Une étude pour comprendre et analyser l'augmentation de l'usage de la violence qui se constate à Rio de Janeiro et dans le monde, mais aussi pour réfléchir sur des pistes pour traiter ce phénomène. Ceci est basé sur des images contemporaines qui dénoncent l'horreur et le drame des personnes qui souffrent d'impuissance, non seulement politique mais surtout subjective. Des mères, des enfants, des élèves, des enseignants qui tentent de signaler la place du sujet qui leur appartient et qui est usurpé.

Mots-clés:

Linguistique; Psychanalyse; Politique.

Diante da barbárie, que (e como) dizer? Em sua rede social, o escritor Valter Hugo Mãe escreveu, no dia 22 de setembro de 2019:

Querida Ágatha Félix, meus estudos, meus livros, minha sensibilidade, todos os meus sonhos de melhorar o mundo, todas as pessoas que amei e que cuidei, foram inúteis para você. Nada do que sou, do que fiz e do que disse foi bastante para impedir que te proibissem de viver. Sua cor segue sendo proibida, seu gênero segue sendo proibido, agora sua idade é proibida também. Lamento muito. Falhamos todos. Somos cidadãos e cidadãs de um tempo novamente miserável. #agathafelix.

Um silêncio áspero e siderado pelo horror me fez novamente estacar: como continuar diante de um corpo de criança explodido por um tiro de fuzil disparado por um adulto no passeio público de uma cidade que já foi capital nacional? A náusea de Drummond com sua rosa a nascer no asfalto, furando o meio inóspito e rude, deixa de ser um poema de quase esperança e torna-se a realidade de uma criança que tomba assassinada pela política belicosa e desumanizadora do Executivo carioca. Uma criança dentre outras, a última vítima na ciranda mortífera em curso. E nós caímos juntos, enquanto humanidade inteira, em frangalhos.

Figura 1. Mãe e filhos



Fonte: Donato, 2019

Nomes próprios de crianças com diferentes idades, cartazes sustentados por mãos infantis e a sombra de um Cristo ironicamente com braços abertos marcam o ato no ponto turístico da cidade denominada maravilhosa. Uma série de manifestações replicou, na trama social, um levante de indignação diante da obscuridade de crianças serem executadas sumariamente em situações cotidianas. A fotografia acima coloca em discurso a voz dos que são vítimas da naturalização do sentido de que o Estado teria autorização para matar. Os mortos compare-

cem nomeados e estandarizados para denunciar o horror, mais ainda porque crianças, ainda mais porque pobres, porque sua existência — mesmo tendo nome registrado, estando com uniforme escolar, fazendo curso de inglês ou balé — não é reconhecida como tal, tampouco chancelada pelo Estado como sinônimo de cidadania. Essa suposta permissão de matar tem ganhado consistência nos últimos meses, e o aparelho repressivo de Estado engorda a olhos vistos em diferentes instâncias oficiais, criando as bases para a legitimação de uma prática de matar moradores das comunidades e das periferias. Os nomes acima e os números abaixo indicam isso.

Figura 2. Manifestação na escadaria



Fonte: Mídia Ninja, 2019

Nomes com sobrenomes e estatísticas de corpos sentenciados à morte pelo Estado, que alimenta a moenda imaginária de que as operações belicosas são inevitáveis, necessárias e legítimas como política de segurança pública no enfrentamento do “crime organizado” (e aqui caberiam todas as justificativas, inclusive para o abuso no uso da força). Derivam disso não apenas a folha branca de papel

e a tinta vermelha que escorre da escadaria, mas os vários gritos de comunidades, movimentos sociais, organizações de direitos humanos e setores da sociedade civil organizada, todos atônitos com os comandos mortíferos em curso. “Parem de nos matar” e “Escola, não atire”, como a imagem abaixo materializa com crianças abanando lenços de papel branco para um helicóptero em ação, cavoucam na língua modos de elaborar o inominável e de fazer uma barra simbólica ao avanço da matança pelas polícias.

Figura 3. Lenços de papel



Fonte: Basilio, 2019.

Todas as imagens trazidas até aqui apontam para um furo difícil de bordejar com palavras, visto que nos toca no que existe de mais obscuro na barbárie: o não reconhecimento do direito do outro à existência. Ginzburg (2019, p. 14) acaba de publicar um longo ensaio sobre as “formas de interpelar os desejos assassinos”, em que questiona: “(...) Que desejo é esse, que torna um ser humano alvo de eliminação? Existe algo específico, na constituição de seres humanos que, por alguma razão, em algum momento, admitiram a ideia de matar os outros?”. Tendo no horizonte a análise de duas obras literárias, ele considera ainda ser preciso tomar “uma cena de violência (...) como um enigma que resiste à compreensão, e não como parte de uma rotina habitual”. Pela psicanálise, sa-

be-se que o que resiste à compreensão e o que retorna como tragédia reclamam palavra, fala, potência de linguagem, ainda que seja sob a forma da vida franzina de significantes que possam produzir um anteparo ao real da morte (Sousa, 2013). “Escola, não atire”, com crianças a balançar lenços brancos de papel em sinal de paz, é uma imagem que assusta, tira o fôlego e produz certo modo de dizer a partir do inominável na vida das comunidades, colocando no âmbito da língua um grito e um dizer de professores e crianças que se sentem ameaçados dentro da escola.

Freud nomeia como desilusão o que ele sente frente à “baixa moralidade revelada externamente por Estados que, em suas relações internas, se intitulam guardiães dos padrões morais, e à brutalidade demonstrada por indivíduos que, enquanto participantes da mais alta civilização humana, não julgaríamos capazes de tal comportamento” (Freud, 1915/2010, p. 146). No relato de Mãe (2019), podemos ouvir um tom de desilusão, na medida em que tudo o que ele acredita e faz não foi suficiente para barrar o horror do assassinato de uma criança; e não tem sido suficiente a cada dia, pois a morte de Ágatha indicia algo que acontece diariamente nas comunidades do Brasil. Isso se mostra inominável, já que escapa à lei que ordena os laços e escapa ao princípio de que a essência de toda formação humana seria a de refrear o gozo (Lacan, 1967/2003, p. 362). O psicanalista francês completa que a antimemória é o que assinala a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação.

Para construir um caminho de interpretação para os acontecimentos de violência e banimento de direitos na atualidade do país, Schwarcz (2019) empreende um estudo bastante consequente sobre a constituição histórica das relações estabelecidas pelo que ela denomina sociedade “do mando”, calcada na escravidão e seus efeitos.

Portanto, a quem não entende por que vivemos, nos dias de hoje, um período tão intolerante e violento; a quem recebe com surpresa tantas manifestações autoritárias ou a divulgação, sem peias, de discursos que desfazem abertamente de um catálogo de direitos civis que parecia consolidado; a quem assiste da arquibancada ao crescimento de uma política de ódios e que transforma adversários em inimigos, convido para uma viagem rumo à nossa própria história, nosso passado e nosso presente. (Schwarcz, 2019, p. 25)

A autora avança a filigranar as bases escravagistas da nossa fundação como sociedade, país e cultura, marcando o modo como miséria, cativo e morte se combina(ra)m em um sistema desigual e predatório, naturalizando relações que parecem próprias e evidentes. Afirmo ainda:

Mais preocupantes são os índices de mortalidade de homens de uma forma geral e, em particular, de jovens homens negros: as maiores vítimas da violência urbana e do acesso precário a recursos médicos (...) os números traduzem condições muito desiguais de acesso e manutenção de direitos, dados de violência elevados e com claro alvo. Revelam mais: padrões de mortandade, que evocam questões históricas de longa, média e curta duração. (Schwarcz, 2019, p. 25)

O olhar pelo retrovisor proposto pela autora desenha a base histórica da escravidão como um ponto nodal para compreender as práticas da violência naturalizadas nas relações sociais brasileiras, bem como a forma de tratamento do Estado endereçada a populações periféricas ontem e hoje, já que oferece uma leitura visceral dos “nossos fantasmas do presente”. Acreditamos que a recorrência de crianças mortas em ações oficiais do Estado é um dos piores traços desses fantasmas. O que a psicanálise tem a dizer sobre isso? Diante da guerra, Freud (1915/2010, p. 210) faz duas anotações bastante preciosas a respeito do “Estado beligerante” que se permite qualquer injustiça, qualquer violência que traria desonra ao indivíduo”; a primeira diz respeito à destruição de algo que remetia ao sentido de civilização e humanidade. Afirmar ele: “quer parecer-nos que jamais um acontecimento destruiu tantos bens preciosos da humanidade, jamais confundiu tantas inteligências das mais lúcidas e degradou tão radicalmente o que era elevado”.

Nesses termos, tal rastro de destruição coloca em xeque sentidos antes atribuídos à comunidade civilizada, “criações” que “incluem tanto os progressos técnicos no domínio da natureza como os valores culturais e científicos”, os quais seriam condição para os povos resolverem “por outras vias as desinteligências e os conflitos de interesse” (Freud, 1915/2010, p. 212).

Afora a devastação e o limite do pacto civilizatório, ele indica que “sentimos o mal desse tempo com intensidade desmedida” (Freud, 1915/2010, p. 212), ou seja, sinaliza os efeitos que a guerra impõe aos cidadãos em uma operação de perda e de consideração da morte como um dado próximo. Se antes a morte estava fora do cotidiano prático da vida, agora ela, impetrada pelo outro, é uma realidade emergente e concreta a colocar o humano na relação com o horror da devastação e a tornar estranho o belo. Afirmar Freud (1915/2010, p. 212) que “O segundo fator que me leva a concluir que nos sentimos estrangeiros neste mundo outrora belo e familiar é a perturbação ocorrida na atitude que até agora mantínhamos em face da morte”, ou seja, o humano se sente estrangeiro ao belo, alheio ao familiar e ao que o humano poderia significar em termos de vida. Esses dois pontos podem ser atribuídos ao tema desse escrito, pois, além das vidas destroçadas, algo da suposta civilidade humanizada é destroçada a cada criança morta e coloca a nu o quanto

a técnica, a ciência e a arte ficam de joelhos na impotência de evitar as cenas em curso. O texto de Mãe (2019), nossa primeira citação no início deste escrito, coloca exatamente isso: “nada do que sou, do que fiz e do que disse foi bastante para impedir que te proibissem de viver”.

Eis o dedo que aponta o real, o real da morte, o real do significante perdido para sempre, o real sem anteparo de palavra ou de qualquer elemento da civilização. Sobre ele, Lacan, ao longo do “Seminário - Livro 7”, define o “que existe de aberto, de faltoso, de hiante, no centro do nosso desejo” (Lacan, 1959/2008, p. 104) e a partir do que não se completa em idas e vindas do significante, em voltas e novos turnos de procura do objeto que *é/está* perdido para sempre, objeto que

(...) não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal e jamais será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando. (...) é esse objeto, Das Ding, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. (Lacan, 1959/2008, p. 68)

Aquilo que Freud designou como constante no aparelho psíquico, em Lacan é definido como aquilo que não cede, não adormece nem se tampona, apenas lança o sujeito em movimentos de “encontrar o que se repete, o que retorna e nos garante retornar sempre ao mesmo lugar” (Lacan, 1959/2008, p. 94). Irrealizado, intransponível, perdido, trata-se justamente de fenda, hiância, fissura e rasgo, inscritos pela perda do corpo da mãe e pela interdição do incesto. Isso engendra uma falta estrutural que Berta (2015, p. 177) denomina como “sendo o objeto perdido por definição, o que o sujeito encontra são os signos da Coisa, do impossível do encontro, do mau encontro. Esse é o masoquismo primordial: o encontro faltoso, o encontro de uma fenda impossível de suturar”.

Ao longo do “Seminário - Livro 11”, Lacan avança na direção de anotar “algo que é da ordem do não-realizado” (Lacan, 1964, p. 28), cuja materialidade se dá a ver em “tropeço, desfalecimento, rachadura (...) dimensão de perda” (Lacan, 1964, p. 30). Perda sinalizadora de Das Ding, pois “a ruptura, a fenda, o traço da abertura, faz surgir ausência – como o grito não se perfila sobre fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio.” (Lacan, 1964, p. 31). Sobre os adventos do real, Soler (2018a, p. 221) afirma que

(...) o real, segundo uma das melhores definições de Lacan, é “aquilo que subsiste fora da simbolização”, em outras palavras, aquilo que não deve nada à linguagem (...) Digo ideia do real, pois a partir do momento em

que falamos do real, não se trata do real em si. Do real em si, não se tem ideia e nem imagem, salvo pelo fato de que ele é diferente do simbólico e do imaginário (...) O real se definindo como fora do simbólico, apenas nos aproximamos dele. Quais são as vias de acesso? De início, o encontro experimentado é o traumatismo (...).

O traumatismo, nesse caso, comparece materializado nos e pelos nomes de crianças assassinadas na cidade do Rio de Janeiro, como apresenta a fotografia colocada anteriormente. Os nomes, os sobrenomes e as idades marcam uma forma de reivindicar a cidadania delas e o direito à vida, negados de forma sinistra pela intervenção do Estado nas comunidades; mais ainda, colocam em funcionamento na carne da língua um indicativo do real, um advento de sua aparição. Talvez seja dessa ordem o silêncio envergonhado e sem palavra que desfia a nudez da nossa impotência diante disso e diante dessa produção verbo-visual de um sujeito criança que mora na comunidade e pede que não seja alvejado por um helicóptero oficial.

Figura 4. Desenho de criança



Fonte: Betim, 2019.

À formulação “O helicóptero atira pra baixo e as pessoas morrem” corresponde à seta com uma sinalização de onde fica a “minha casa”, ou seja, tornada alvo de tiros, vulnerável e não reconhecida como lugar da infância. “Minha casa” marca o lugar onde o sujeito se situa, com o qual se identifica e produz a sua morada. Para ali, onde é “minha casa”, o helicóptero segue. Sobre os lugares discursivos e o modo como as palavras são inscritas na trama socio- histórica e ideológica, Pêcheux (2009, p. 176) introduz uma contundente reflexão sobre “o trabalho do impensado no pensamento”, o que implica considerar no funcionamento da língua a presença de um impossível próprio ao gramatical, que torna nublada e difusa a fronteira entre o sentido e o não sentido. Eis o real da língua, definido como “o impossível que lhe é próprio” (Gadet & Pêcheux, 1981/2004, p. 176), impossível de eliminar as ranhuras de equívocidade da língua em seus deslizamentos, impossível de tudo dizer, impossível de nomear com exatidão o pensamento, impossível de promover uma coincidência absoluta entre palavra e mundo. Nesses termos, “(...) o real da língua (...) é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do witz e das séries associativas que o desestratificam sem apagá-lo.” (Gadet & Pêcheux, 1981/2004, p. 55).

O fundador da teoria discursiva francesa aponta ainda que, nas tramas de dizer, incide a presença inevitável do real nas disciplinas de interpretação, não como defeito, desvio ou imperfeição a serem corrigidos, mas como condição de “um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (Pêcheux, 1983/1997, p. 43). Em outro momento dessa mesma obra, Pêcheux (1983/1997, p. 29) afirma que “há real”, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser “assim”. (O real é o impossível... que seja de outro modo). Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra.

Dá de encontro ao modo de um trombamento, um tropeção e um acidente inesperado, sempre da ordem do inenarrável e impossível de expressar, traduzir e simbolizar. Sem palavras ou com a absoluta falta de condição de dizer, o impossível ronda a língua em sua tarefa de tentar nomear e não ser possível fazê-lo: esse real da língua tanto combina com o estarecimento diante do horror a que assistimos nos últimos meses.

Indagamos: então como tratar o real? Como tocá-lo? Essas perguntas acompanharam as construções lacanianas até seus últimos seminários. Algo que podemos extrair delas pode ser a indicação de que a psicanálise precisa apontar para o real, pois dele pode-se extrair algo que faz girar a relação do sujeito com a linguagem. No entanto, Lacan indica que não se pode operar sem que o real esteja enodado aos outros dois registros que ele diz serem do humano, quais sejam, o simbólico e o imaginário.

Alguns teóricos lacanianos acreditam que o nó, assim como outros esquemas desse teórico, tem uma função e uma aplicação para além da experiência clínica. Gostaríamos de alargar essa reflexão e nos apropriar do nó tal como Bousseyroux apresenta em alguns momentos para fazer leituras de acontecimentos que não estão restritos à experiência do consultório. Um exemplo disso está no seu texto “Depois de Joyce qual despertar”, no qual lê a obra de Anri Sala a partir do enodamento borromeano; depois de descrever e analisar vários detalhes da obra “Ravel, Ravel, Unravel”, apresentada na 55ª Bienal de Veneza, ele conclui que:

O borromeano generalizado *se desfaz por si mesmo*. É, portanto, o nó borromeano na medida que sua escrita *se autorize por si mesma*. E como ele é oriundo do nó que é escrito pela mão esquerda do inconsciente e que interpreta duplamente a verdade do sintoma, chego a dizer que fazer a experiência do borromeano generalizado é fazer a experiência de Anri Sala: *Unravel Ravel Ravel*. (Bousseyroux, 2020, p. 156, grifo do autor)

Assim, a partir ainda de Soler (2018b, p. 49), quando afirma que Lacan “tenta repensar o laço social em termos borromeanos”, pensamos poder pensar o tratamento do real no que diz respeito aos laços sociais também a partir desse conceito do enlace borromeano. Temos então que:

O nó borromeu não pode ser feito senão de três. O Imaginário, o Simbólico, isso não basta; é preciso o terceiro elemento, e designo-o por Real. É preciso que haja esta solidariedade determinante, por meio da qual há sujeito, sujeito falado em todo o caso: a perda de qualquer uma dessas três dimensões... a condição para que o nó se sustente é que a perda de qualquer uma dessas três dimensões deve tornar loucas — quer dizer, livre uma das outras — as outras duas; (...) um nó é isso, em outros termos, um nó se desata. (Lacan, 1973/2016, p. 63)

O sujeito teria como o mínimo desses três registros enlaçados, assim, podemos depreender dessa proposta que, na medida em que a lei simbólica se afrouxa, abre-se a amarração mínima que garantiria a condição do humano, restando sem borda. Aí o real, inominável e impossível, tem acesso ao imaginário do corpo que sofre a falta de regulação da lei. Sem essa amarração dos três registros, elas se tornam loucas, posto que soltas. O caso de Agatha expõe essa loucura dos nós desatados que se mostra quando a lei se solta e só prevalece para alguns, os quais a política pública julga serem mais humanos que outros.

O real da morte irrompe assim, sem anteparo, no cru dos corpos infantis executados e passa a engendrar uma série bárbara, regularizada pela política pública de Estado no tratamento destinado aos moradores das comunidades e periferias. Um

real escancarado no corpo mutilado que tanto atropela a possibilidade de existir palavra ali, fazendo explodir um silêncio assustador, quanto reclama exatamente que algo possa ser dito a partir dali, ainda que em forma de garatujas e balbucios precariamente estabelecidos.

As palavras e imagens dos cartazes e das manifestações supracitadas ao longo deste artigo são modos de tentar reinserir o simbólico nessa trama e proteger os corpos da irrupção do real mortífero. Bordar em torno do impossível é uma aposta radical da psicanálise na direção de oferecer uma escuta para que algo disso possa ser dito e escutado, para que o mortífero pela palavra possa produzir formas de simbolizar a destruição, a morte e o luto, para que o encontro do humano fadado ao insucesso da não proporção tenha um lugar de acolhimento e possa produzir efeitos.

Referências bibliográficas

- Basilio, A. L. (2019). “Escola, não atire”: o apelo desesperado no Complexo da Maré, no Rio. *Carta Capital*, 10 maio 2019. Recuperado de <https://www.cartacapital.com.br/educacao/escola-nao-atire-o-apelo-desesperado-no-complexo-da-mare-no-rio/>
- Berta, S. L. (2015). *Escrever o trauma, de Freud a Lacan*. São Paulo: Annablume.
- Betim, F. (2019). As cartas das crianças da Maré: “Não gosto do helicóptero porque ele atira e as pessoas morrem”. *El país*, 15 ago. 2019. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565803890_702531.html
- Bousseyroux, M. (2020). *Depois de Joyce qual despertar*. In S. L. Berta, & G. N. Souza (Orgs.). *Diagnosticar em Psicanálise: 20 anos da Rede de Pesquisa sobre as Psicoses*. São Paulo: Escuta/Fórum do Campo Lacaniano.
- Donato, M. (2019). “O governador deu legalidade para piorar nossa vida. Parem de nos matar”: moradora do Complexo do Alemão fala ao DCM. *DCM*, 13 set. 2019. Recuperado de <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-governador-deu-legalidade-para-piorar-nossa-vida-parem-de-nos-matar-moradora-do-complexo-do-alemao-fala-ao-dcm>
- Freud, S. (2010). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In S. Freud, *Obras completas v. 12*. Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto originalmente publicado em 1915)
- Gadet, F., & Pêcheux, M. (2004). *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes. (Trabalho original publicado em 1981)
- Ginzburg, J. (2019). Formas de interpelar os desejos assassinos. *Suplemento Pernambuco*, (163).
- Lacan, J. (2008). *Seminário, Livro 7 – A ética da psicanálise* (A. Quinet, Trad.). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959)

- Lacan, J. (1964). *Seminário, Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2003). Alocação sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2016). *Os não-Tolos Vagueiam*. Seminário (Publicação não comercial). Salvador: circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius. (Trabalho original publicado em 1973)
- Mãe, V. H. (2019). Querida Agatha Félix. *Facebook*, 22 set. 2019. Recuperado de <https://www.facebook.com/vhugomae/photos/a.1100049230070678/2419315364810718/?type=3&theater>
- Mídia Ninja. (2019). Chega! *Facebook*, 23 set. 2019. Recuperado de <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/photos/a.164308700393950/1602262776598528/?type=3&theater>
- Pêcheux, M. (1997). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes. (Trabalho original publicado em 1983)
- Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Soler, C. (2018a). *Os adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Editora Aller.
- Soler, C. (2018b). *A querela dos diagnósticos*. São Paulo: Editora Blucher.
- Sousa, L. M. A. (2013). O vazio como condição: um movimento de sentidos a partir do horror. *Revista Gragoatá*, (34), 61-76.

Recebido: 05/11/2019

Aprovado: 21/04/2020